
De ilha – Exílio

*Ricardo Prestes Pazello**

O olhar que chega
E se refresca
Não lhe renega
 A homilia
 Na ilha o círio
 Desfaz-se em rosas,
 Em mar, em moças,
 Em sol, em brilho,
 Cartão postal,
 Poeta, exílio

Se chega – ouve
Se houve – pára
E bem lhe aprouve
 Toda essa havença
 Ilha tão densa
 De náusea louca
 De ponte pouca
 Sem fuga ou trilho
 De trem, de céu
 Poeta: é o exílio!

Quer ir, não pode
Pudera! Já?
Que o mundo rode
 Balouce assim
 A saga humana
 De espáduas nuas
 Fragrâncias cruas
 Raspados cílios
 Não chore ou durma,
 Poeta de exílio!

Ficando vai
Conforme deixam
Os muitos ais

* Mestrando em Teoria e Filosofia do Direito pelo Curso de Pós-Graduação em Direito da Universidade Federal de Santa Catarina (CPGD/UFSC), membro do Núcleo de Estudos e Práticas Emancipatórias (NEPE/UFSC) e bolsista CAPES.

O peito, o sangue
Tão isolado
Desolação
Desterro e chão
Sem pais, o filho
Poeta de Deus
Da ilha – Exílio

Sonha com mar...
...Atravessado
Está no olhar
A espera maior
Ilha de encontro
Cruz mais Leminsque
Poetas: que isquem
Este andarilho
Pobre aprendiz
Da aula do exílio

Um dia a viagem
Chega de volta
Passa a paragem
Ladeira e vento
E brilha o canto
Que entoa o poeta
Como exegeta
Do bom ladrilho
Volta-se à ilha:
- Adeus, exílio!